



## **Agroecologia e diversidade: LGBTQIA e agroecologia – apontamentos sobre as conexões entre diversidade de gênero, sexual e afetiva**

*Agroecology and Diversity: LGBTQIA and Agroecology – notes on the connections between gender, sexual and affective diversity*

MATTOS, Elissa da Costa<sup>1</sup> MAGALHÃES, Victória<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Goiás, elissageo@gmail.com; <sup>2</sup>Instituto Federal de Goiás, victoriasmagalhaes@gmail.com

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica**

**Resumo:** No presente estudo bibliográfico, foram minuciosamente examinadas as interações que permeiam a agroecologia e a diversidade de gênero, sexualidade e identidade, evidenciando a transcendência dessas conexões em relação às normas convencionais. Além de sua responsabilidade ambiental, a agroecologia foi identificada como uma plataforma que também desafia e questiona estruturas sociais estabelecidas. A pesquisa realizada por Ornelas deu destaque à intrínseca ligação entre a luta contra a LGBTfobia e a construção de um modelo agroecológico caracterizado pela equidade. A análise que abordou tanto a conformidade de gênero quanto a configuração das áreas de cultivo ressaltou opressões que se entrelaçam de forma paralela. A presença da política nas esferas das relações interpessoais e produtivas foi ressaltada como um fator crucial para compreender a complexidade dessa dinâmica. O curta-metragem intitulado "Capim Navalha" proporcionou uma representação visual vívida desses conceitos, atuando como um reforço visual das ideias discutidas. A pesquisa reafirmou de maneira contundente a necessidade de conceder visibilidade às questões de diversidade de gênero e identidade, bem como a importância de fomentar a educação e enfrentar a LGBTfobia. O estudo contribui substancialmente para a ampliação das discussões agroecológicas ao incorporar elementos da diversidade de gênero e sexualidade, com o intuito de promover um horizonte futuro marcado pela inclusão e equidade. Este intento é impulsionado através do contínuo diálogo e da colaboração engajada entre diversos segmentos da sociedade.

**Palavras-chave:** corpo-político; resistência; visibilidade; interseccionalidade.

#### **Introdução**

No âmbito do Mestrado em Geografia, no estudo da disciplina de Agroecologia, fomos impulsionados a mergulhar nas complexidades que envolvem o mundo agrícola e suas conexões intrincadas com as questões humanas. Os temas que emergiram dessa jornada, como a oposição à dominação capitalista na produção agrícola, a resistência ao uso excessivo de agrotóxicos e a luta incansável pela terra, nos incitaram a explorar uma dimensão pouco explorada: a diversidade humana e suas invisibilidades.



Sob a orientação atenta do professor Murilo Mendonça que compartilhou conosco um artigo de singular relevância, encontramos um ponto de partida para nossa investigação. A peculiaridade de nossa situação, sendo ambas mestrandas (uma regular e outra especial) no campo da graduação em Cinema pelo IFG, adicionou um novo matiz à nossa abordagem. O artigo de Ornelas, que cruzava as fronteiras da agroecologia com os direitos LGBTQIA+, atraiu nossa atenção de maneira profunda e ressoante.

Este estudo que apresentamos como conclusão da disciplina, tem como objetivo explorar e reforçar a intersecção entre a agroecologia e a inclusão LGBTQIA+, investigando as formas em que os meios audiovisuais podem ser empregados como instrumentos de luta e visibilidade.

O problema de pesquisa identificado no texto é a questão da invisibilidade, exclusão e opressão das pessoas LGBTQIA+ no contexto da agroecologia e das comunidades agrícolas. Nesse sentido, o estudo busca examinar como as questões de gênero, sexualidade e identidade estão conectadas com os princípios da agroecologia e como a visibilidade e a conscientização podem ser promovidas para tornar a agroecologia um espaço mais inclusivo e igualitário para todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

## **Metodologia**

A abordagem metodológica combina o estudo bibliográfico com a análise de vídeos permitiu uma investigação abrangente e multidimensional do tema. Através do estudo bibliográfico, estabelecemos as bases teóricas e conceituais para entender os contextos da agroecologia e da inclusão LGBTQIA+. A análise de vídeos trouxe uma perspectiva concreta e visual, permitindo-nos observar as experiências reais e narrativas compartilhadas por indivíduos LGBTQIA+ envolvidos na agroecologia.

## **Resultados e Discussão**

O presente estudo investigou a complexa intersecção entre os princípios fundamentais da agroecologia e as dinâmicas relacionadas à diversidade de gênero, sexualidade e identidade. A pesquisa teve origem em uma análise criteriosa de fontes, que englobaram tanto trabalhos acadêmicos quanto produções audiovisuais. Estas fontes exploraram as vivências das pessoas LGBTQIA+ no contexto da agroecologia e das comunidades rurais, resultando em uma exposição multifacetada e esclarecedora sobre a maneira pela qual a opressão, a invisibilidade e a exclusão têm se amalgamado nesse âmbito.

O estudo também retomou um episódio histórico de violência homofóbica no Brasil, utilizando-o como ilustração da arraigada exclusão que as identidades LGBTQIA+



têm enfrentado na sociedade.

Aponta que, em 1614, na cidade de São Luiz do Maranhão aconteceu a prisão, tortura e execução pública do Tubinambá Timbira, na cidade de São Luiz do Maranhão, por colonizadores franceses que o amarraram na boca de um canhão e o partiram ao meio. Esse horrendo relato que está na pesquisa/artigo de Gabriel Mattos Ornelas é considerado o primeiro registro de violência homofóbica no Brasil.

Ornelas participou de estudos e movimentos em coletivos LGBTQIAP+ e, a partir dessas experiências, desenvolveu o trabalho intitulado: **Se há LGBTFobia não há agroecologia: coletivos de juventudes LGBTQUIA+ e processos educativos sobre diversidade afetiva, sexual e de gênero.**

Nesse e nos demais textos visuais ou escritos que estudamos, entre os títulos indicados e os que incluímos sobre esse tema na agroecologia, o grito das pessoas que não se enquadram nos padrões ecoa por visibilidade, segurança e respeito no campo, nos assentamentos, na agricultura, assim como acontece e surge nas zonas urbanas.

De acordo com Ornelas, “ao mesmo tempo que a prática da agricultura é colonizada pelo modelo de produção industrial do agronegócio, é estabelecida a padronização da moral, a partir do modelo binário e hegemônico de família cristã ‘ideal’, impondo comportamentos de gênero e colonizando a sexualidade dos corpos a partir de valores e práticas machistas, sexistas, racistas e LGBTfóbicas”.

A sigla LGBTQIA representa um conjunto diverso de identidades e orientações sexuais, incluindo lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais e assexuais, entre outros. É importante destacar que a sigla continua evoluindo à medida que novas identidades são reconhecidas e incluídas.

Diante do relato e do estudo de Ornelas, ao mesmo tempo, instigadas pela centralidade da expressão “diversidade” nos estudos da Agroecologia, decidimos nos dedicar às pesquisas sobre LGBTQIA no contexto da Agroecologia para defender a relevância de incluir esse tema no já tão “carregado” escopo das lutas da agroecologia. E cabe? É necessário fazer mais essa distinção, imersão? Sim, necessário e urgente. Como o título do artigo de Ornelas anuncia, não há agroecologia sem confronto dos preconceitos de gênero e mesmo das convenções sociais.

Consideramos primordial destacar que, de acordo com o autor, a diversidade invisibilizada é também afetiva por que o preconceito não apenas mata como também interfere nos modelos das demais relações de amor, de amizade, familiares e de produção. Partindo dessa compreensão perguntamo-nos: Qual seria a função desses corpos diante das lidas das comunidades agrícolas? Para que atividades essas pessoas são direcionadas e para quais gostariam de ir, no campo? Quais são suas habilidades e seus desejos? Como elas contribuíram se pudessem escolher?



Que outros questionamentos viriam de suas vivências não normatizadas, assim como da terra não dominada por interesses capitalistas?

Num vídeo intitulado **LGBT Sem Terra: amor faz revolução** diz-se: “Nós incomodamos só por existir, sem terra incomoda só por existir, a mulher incomoda por existir, lésbica, negra, se for tudo isso então!?” Tal afirmação nos leva à reflexão: de que forma se forja a jornada de alguém que “incomoda só por existir”? Acreditamos que os relatos dessa produção corroboram com a análise de que, a existência humana conduzida por forças materiais e imateriais, físicas e culturais que obedecem ao capitalismo, assim como às terras de um latifúndio, não alcança suas potencialidades, não se transforma plenamente, mantém-se aquém.

No mesmo vídeo, outro relato aponta: “as relações pessoais não são tão pessoais assim, elas são políticas e, muito, políticas!” Tão políticas quanto as relações sociais de trabalho e de poder. Sendo assim, faz-se urgente reconhecer que a conformação do corpo, do gênero, da carne, da estética, do fazer, do amar, do prazer, conforme os padrões patriarcais, cristãos, capitalistas, conservadores e todo esse abarcado de expressões que se amalgama, são tão violentas e limitantes quanto o cercamento das terras e a imposição da padronização produtiva no campo. A conformação dos corpos conduz aos conflitos internos e externos como a conformação das terras conduz aos conflitos de terra. E a libertação da terra pode levar ao renascer da natureza, tão diversa quanto da natureza humana.

O pesquisador Ornelas afirma ainda em seu artigo que, “a padronização dos papéis de gênero a partir da divisão sexual do trabalho e da cisheteronormatividade gera uma série de opressões e processos de exclusões de pessoas que se identificam com outras identidades e orientações, colocando em situação de marginalidade e vulnerabilidade, e causando silenciamentos e subalternização”.

Para fortalecer a compreensão sobre a interseção entre diversidade, agroecologia e territorialidade e as discussões a partir desse aporte, analisamos um trecho do curta “Capim Navalha” realizado em 2018 por Michel Queiroz, um estudante trans não-binário do curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual do IFG – Campus Cidade de Goiás. Essa definição e não outra, como as que falam especificamente sobre esses movimentos na agroecologia têm um motivo, queremos despertar o olhar sobre o que na produção audiovisual chamamos de política dos corpos, além da rápida constatação de corpo político.

Esperamos despertar, a partir desse curta, o olhar sensível, zeloso e comprometido para corpos e ações não tão evidentes, “não mais a partir de uma concepção de diferença, mas sim em uma multidão de diferenças, de uma transversalidade de relações de poder, de uma precariedade e de uma potência de criação marcada, especificamente, pelas experiências de raça, gênero e sexualidade” (PRECIADO e MARCONI IN: Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual)



No curta diz-se: “Eles (indígenas Maxakali e Pataxós) tem uma coisa de ter uma relação estética com o plantio. **Eles têm uma relação estética com as funções corporais, com as funções do que há de vida de seres ao redor (...)**. Eu nunca tinha trabalhado com plantio e com territorialidade também, inclusive, tipo assim, ocupar um território que pra eles assim, essa briga territorial de ter que ser aquele território, daquele jeito, não é ser enfiado em qualquer reserva por aí, (...) é um envolvimento vital, tem que ser aquela terra e acho que tenho isso com o meu corpo, meu território corporal que é o território que eu tenho”. (aos 6min 57 segundos).

Para destacar o desejo de “**ocupar um espaço em movimento**”, não como propriedade, cita-se, no mesmo curta, o filósofo e psiquiatra **Franz Fanon** e **convoca-se a pensar nas “questões corporais e da terra” sem determinações preconcebidas, criticando a estagnação e a imposição da norma “mono”** dada pelas monoculturas e pelas relações patriarcais.

As veias abertas do Brasil e da América Latina seguem abertas, como diria o jornalista uruguaio Eduardo Galeano, “o derramamento de sangue de indígenas, de pessoas negras, de mulheres, de bichas e travestis não foi estancado”, lemos na Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, “ainda somos um país estruturado por raça, gênero e classe”, assim como constituído a partir das invasões europeias ao território brasileiro.

Reconhecemos que a agroecologia se fortalece quando reconhecemos a importância de acolher e valorizar todas as identidades, promovendo uma transformação social baseada no respeito, na igualdade e na inclusão. As conexões entre a diversidade de gênero, sexual e afetiva e a agroecologia revelam um campo de estudos e práticas em constante evolução. A visibilidade, a educação, o combate à LGBTfobia, o dissenso e a interseccionalidade são elementos fundamentais para a construção de uma agroecologia inclusiva, que valorize a diversidade em todas as suas formas. Dessa forma, estudo reconheceu a agroecologia como um campo propício para a reconfiguração das práticas agrícolas, abrangendo não somente aspectos ambientais, mas também dimensões sociais e culturais.

A análise das dinâmicas de conformidade de gênero e identidade, assim como das configurações das terras, permitiu uma compreensão mais profunda das opressões que afetam tanto os corpos quanto o meio ambiente. O reconhecimento da dimensão política inerente às relações pessoais e produtivas ressaltou a importância de uma abordagem interseccional na construção de uma agroecologia genuinamente igualitária.

Em consonância com o pensamento de Eduardo Galeano, a pesquisa reconheceu que as feridas históricas ligadas à raça, gênero e classe continuam presentes, exigindo a implementação de medidas afirmativas que ultrapassem as barreiras do tempo. A agroecologia surge como uma contraposição a essa realidade opressiva, destacando a importância da visibilidade, educação e confronto da LGBTfobia.



## Conclusões

No presente estudo, foram minuciosamente examinadas as interações que permeiam a agroecologia e a diversidade de gênero, sexualidade e identidade, evidenciando a transcendência dessas conexões em relação às normas convencionais. Além de sua responsabilidade ambiental, a agroecologia foi identificada como uma plataforma que também desafia e questiona estruturas sociais estabelecidas. A pesquisa realizada por Ornelas deu destaque à intrínseca ligação entre a luta contra a LGBTfobia e a construção de um modelo agroecológico caracterizado pela igualdade.

A análise que abordou tanto a conformidade de gênero quanto a configuração das áreas de cultivo ressaltou opressões que se entrelaçam de forma paralela. A presença da política nas esferas das relações interpessoais e produtivas foi ressaltada como um fator crucial para compreender a complexidade dessa dinâmica. O curta-metragem intitulado "Capim Navalha" proporcionou uma representação visual vívida desses conceitos, atuando como um reforço visual das ideias discutidas.

A pesquisa reafirmou de maneira contundente a necessidade de conceder visibilidade às questões de diversidade de gênero e identidade, bem como a importância de fomentar a educação e enfrentar a LGBTfobia. Em síntese, o estudo contribui para a ampliação das discussões agroecológicas ao incorporar elementos da diversidade de gênero e sexualidade, com o intuito de promover um horizonte futuro marcado pela inclusão e equidade.

## Referências bibliográficas

MARCONI, Dieison. Cinema queer brasileiro ou as veias abertas da política da imagem. **Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, v. 9, n.2, 2020.

ORNELAS, Gabriel M. Se há lgbtobia não há agroecologia: coletivos de juventudes LGBTQIAP+ e processos educativos sobre diversidade afetiva, sexual e de gênero. **ReDiPE: Revista Diálogos e Perspectivas em Educação**, Marabá, v. 3, n. 2, p. 92-102, 2021.

PRADO, Caio. **LGBT Sem Terra: o amor faz revolução**. 2020. [Curta-metragem]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=04MnkQdV0Js> Acesso em: 01 de junho. 2023.

QUEIROZ, Michel. **Capim Navalha** [Curta-metragem]. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3ZqI\\_3KDaVk](https://www.youtube.com/watch?v=3ZqI_3KDaVk) Acesso em: 02 de junho. 2023.